

# A DESIGUALDADE SOCIAL E SUAS INFLUÊNCIAS NA SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA

Marcos Antônio Rodrigues Borges

Alessander Freitas do Amaral<sup>1</sup>

## RESUMO

A desigualdade social é um fenômeno que, esteve presente nas sociedades desde tempos longínquos, afetando o ser humano em suas diversas dimensões, inclusive em sua subjetividade. Neste trabalho, buscou-se assinalar os efeitos da desigualdade social, na subjetividade do indivíduo. Foi realizada uma revisão bibliográfica, onde se buscou informações em artigos, monografias, dissertações e livros, tanto em ambiente virtual quanto físico. Conclui-se que a desigualdade social, assim como se concebe hoje, é produto de transformações históricas, e que a subjetividade formada tanto por fatores internos quanto externos é fortemente influenciada, por ela, é muitas vezes este fenômeno traz grandes malefícios para o ser humano, chegando até a afetar sua saúde.

**Palavras-chave:** Desigualdade socioeconômica. Subjetividade. Sociedade. Contemporaneidade.

## ABSTRACT

The social inequality is a phenomenon that was present in societies since ancient times, affecting human being in their diverse dimensions, including it is subjectivity. This work, tried to point out the effect of social inequality, in the individual subjectivity. A bibliographic review was performed, which researched information in articles, monographs, thesis and books, both on the internet and physical environment. The conclusion is, that the social inequality as is conceived today, is it a product of historical transformations. The subjectivity formed both by internal and external factors, is strongly influenced by it. Often this phenomenon brings great harm to human being, coming to affect one's health.

**Keywords:** Social inequality. Subjectivity. Society. Contemporary.

## 1 INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade, a desigualdade social está presente, no cotidiano das sociedades humanas. Encontram-se, exemplos claros deste fenômeno, seja na Roma antiga, ou na Idade Média. Com acontecimentos históricos, como a Revolução

---

<sup>1</sup> Endereço eletrônico de contato: [alessanderf@netsite.com.br](mailto:alessanderf@netsite.com.br)

Industrial, êxodo rural e conseqüente urbanização desordenada. E com a solidificação do capitalismo, vê-se um agravamento das disparidades sociais.<sup>(1,2)</sup>

Evidentemente que a participação do indivíduo na sociedade e cultura é influenciada pela posição que este ocupa na estrutura social e pelo seu status. Porém vê-se que historicamente as elites sempre buscaram oportunidades para alimentar o abismo existente entre as camadas sociais. Fato este que visivelmente, gera sentimentos de desconforto e sofrimento, nos desprovidos, muitas vezes direta ou indiretamente tendo afetada, sua saúde.<sup>(3,2)</sup>

No contexto atual, a desigualdade social é interpretada como um fenômeno social. Estes fenômenos ocorrem em sociedade e são analisados a partir da existência coletiva. Na atualidade a desigualdade social é uma das grandes causas de sofrimento psíquico, sendo possível relacioná-la às diversas demandas que chegam ao psicólogo.<sup>(4,5)</sup>

Diante destes dados e afirmações não se pode aceitar teorias que igualem e universalizam experiências tão desiguais, pois as teorias tomam como padrão a experiência das elites brancas. As condições de pobreza sociais não aparecem com relevância nas teorias do desenvolvimento, a não ser como déficit de estímulos, mas há uma realidade desigual onde uns têm acesso a todos os bens culturais que carregam o desenvolvimento e as possibilidades valorizadas pela elite e outros ficam sem acesso a este desenvolvimento.<sup>(5)</sup>

É necessário ir contra esta leitura superficial e rasteira de uma sociedade complexa e desigual. Entende-se a extrema complexidade desta temática. A desigualdade social pode ser abordada por perspectivas diferentes, quase sempre é evidenciada em dimensões econômicas, mas também se faz presente em dimensões sociais, existenciais e políticas, existindo tanto na ordem material quanto na ordem simbólica.<sup>(4,6)</sup>

Pressupõe-se que, as desigualdades sociais exerce uma influência nociva na subjetividade do Homem contemporâneo. Produzindo forte impacto nas sociedades, tanto na dimensão individual quanto na coletiva, causando diversas formas de sofrimento psíquico. Pretende-se promover uma reflexão, tendo como objetivo identificar as maneiras que, a desigualdade social tem afetado a subjetividade contemporânea, apresentando aspectos históricos deste fenômeno, demonstrando sua relação com a subjetividade, e apontando o que isto causa de fato no indivíduo.

A metodologia desse estudo foi revisão bibliográfica do tipo qualitativa, sendo as palavras chaves para a busca de material desigualdade social, sociedade, subjetividade, desigualdades socioeconômicas e contemporaneidade. Buscou-se informações sobre o tema em bancos de dados, tanto em ambiente virtual quanto físico, usando como subsídio teórico livros de literatura do gênero disponíveis em bibliotecas como também em artigos, monografias, dissertações e teses publicados em sites de instituições de ensino superior. A coleta de dados deu-se na busca de material em idioma português, do período compreendido de 1999 a 2014, abrindo exceção para um obra de 1754 por se considera-la uma obras clássicas que compõem o universo deste campo de pesquisa.

## **2 A DESIGUALDADE SOCIAL CONTEMPORÂNEA**

A história da humanidade e desigualdades sociais andaram juntas, desde a antiguidade, 400 a.C até 476 d.C. no Império Romano do Ocidente os indivíduos se diferenciavam pela sua condição social. Havia os patrícios que eram considerados superiores, e com direitos e os plebeus que eram considerados inferiores sem direitos. Os cidadãos tinham privilégios de participar da política e das questões públicas, porém os escravos, e as pessoas endividadas não gozavam dos mesmos privilégios.<sup>(1)</sup>

A ideia de propriedade privada nasceu através de um processo longo, não se formou de repente no espírito humano. Sua origem está vinculada ao fato, de um primeiro homem tendo cercado um terreno, proclamou “isto é meu!”, e encontrou pessoas bastante simples para acreditar e aceitar, na Idade Média os nobres e os senhores feudais proprietários de terras dispunham de servos que lhes prestavam obediência e serviço, uma série de obrigações e deveres, numa sociedade teocrática onde se vivia a ideia que as desigualdades sociais eram fruto da vontade divina.<sup>(1,7)</sup>

Os pobres deveriam viver em função de cuidar dos bens de seus senhores. Deus era testemunha de seu esforço e dedicação. Dizia se que a pobreza era pela ausência da graça de Deus, era-se pobre porque Deus o fez assim. Sabe-se que, as desigualdades sociais estiveram sempre presente desde os primórdios da história humana, seja em versões laicas ou religiosas visando legitimar a ordem estabelecida pelas elites exploradoras, pouco se fala de suas origens.<sup>(2,8)</sup>

Cultivava-se a ideia de que, o pobre tinha como função vital trabalhar e servir seu patrão, e podia ganhar somente o básico para sua sobrevivência. Entendia-se que

se ele melhorasse suas condições não, mas se sujeitaria ao trabalho para a elite. A existência da pobreza era defendida pelas classes elitizadas, compreendia-se que para o rico continuar rico, era necessário o pobre estar em sua condição miserável trabalhando pra ele. Entende-se que as desigualdades sociais sempre existiram, mas no século XVIII os filósofos iluministas conceberam a pobreza como resultante da ação humana e não como vontade divina.<sup>(2,1)</sup>

Percebe-se na sociedade humana duas formas de desigualdades, uma natural é estabelecida pela natureza que são as diversificações biológicas e as características subjetivas do Ser, e a outra que é chamada de desigualdade moral ou política, que é este sistema articulado e construído pelo homem, que se refere as camadas sócias.<sup>(7)</sup>

Fundada sobre uma estrutura de camadas sociais, o capitalismo reforçou a desigualdade das sociedades, mediante inúmeras formas de hierarquização, de maneira que o lugar do indivíduo era definido pela posição econômica que ele ocupa na estrutura social. Esta posição influenciava o seu estilo de vida e suas escolhas pessoais.<sup>(1)</sup>

Com a Revolução Industrial e solidificação do capitalismo, surge um sistema econômico com uma grande influência no agravamento da desigualdade social e pobreza. Consolida-se uma dinâmica onde a produção é regida por um mercado que visa lucro e acumulação de capital. Neste sistema, o dinheiro passou a ter grande força sobre o homem, ou seja, ter dinheiro é igual a ter poder em busca de seu bem próprio.<sup>(2)</sup>

A economia política clássica interpreta o capitalismo como uma ordem natural definida pela eterna vontade humana de trocar, comprar e vender. Enfim, acumular mais e mais riqueza. Este sistema, portanto, nasceria naturalmente, bastando remover os obstáculos e barreiras. A crítica marxista da economia chega a conclusões diferentes. Diz que o capitalismo não é uma ordem natural, mas essencialmente social histórica, construída a partir das lutas de classes.<sup>(8)</sup>

O nascimento do capitalismo é um evento histórico, onde forças sociais específicas apropriam-se do poder político e do excedente econômico, que antes era dominado por instituições religiosas ou pela nobreza. Se nas sociedades medievais era honra, sobrenome que contava na nascente sociedade capitalista industrial o prestígio estava no dinheiro e quem tinha dinheiro tinha poder.<sup>(8,1)</sup>

E quem tinha poder era a burguesia, através de um mercado que regia um modo de produção coercitivo, onde todos são obrigados a seguir sua lógica. A camada social operaria seguia com longas jornadas de trabalho e baixos salários, sofria a violência

deste sistema dominado por uma burguesia que enriquecia cada vez mais e se apropriava do Estado, assim alimentava sua tendência opressora sobre os trabalhadores, se consolidava um abismo entre as camadas sociais.<sup>(8)</sup>

Camada social é um conceito que varia nas diversas correntes teóricas sociológicas, que falam do assunto. De maneira geral, refere-se a grupos sociais, que ocupam uma mesma posição na esfera de produção, mesmo nível econômico e certa similaridade na maneira de viver e trabalhar. Mas no final do século XX algumas vertentes teóricas julgaram este termo ultrapassado. No entanto, mesmo com tantas mudanças visíveis, a economia não mudou a tal ponto para abolir a divisão em camadas sociais.<sup>(1)</sup>

No controle a burguesia usava de seu poder para confiscar terras, promover saques. A antiga classe camponesa passa a integrar as cidades, se convertendo forçadamente em mão de obra de fábricas. Com a lógica deste novo mercado financeiro o trabalho do artesão, que geralmente era em pequenas oficinas, basicamente micro empresas familiares, logo cai em falência, surge grandes fábricas com baixos salários para seus operários que, cada vez mais numerosos, passam a integrar os subúrbios das metrópoles.<sup>(8)</sup>

Burguesia e proletariado são camadas sociais historicamente antagônicas e revolucionárias uma não existe sem a outra, ambas são produtos e produtoras da história. No final do século XVIII e durante o XIX surge na Europa Ocidental especialmente na industrial Inglaterra uma legião de mendigos, que eram trabalhadores desempregados. Eles passam a integrar a paisagem urbana das metrópoles industriais. Epidemias, criminalidade e prostituição se tornam comuns: eram sintomas deste pauperismo. O Estado logo toma iniciativa e dá autorização para pessoas velhas e inválidas mendigar, e cria punições severas para o restante considerados saudáveis.<sup>(1,8)</sup>

A desigualdade social em suas diversas formas está presente em todo mundo, mas se faz mais evidente em países não desenvolvidos. Em 2003 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) lançou um estudo que chamou a atenção de todos pelo forte título: O Século da Desigualdade no Brasil. Este estudo constata que o crescimento econômico e desigualdade de renda andaram juntos durante todo o século XX.<sup>(2,8,9)</sup>

Alguns estudos remontam a desigualdade social Brasileira, como uma herança colonial, onde os pilares desta desigualdade se assentavam na influência ibérica, nos padrões donos de títulos e de latifúndios e na escravidão. É evidente que estas variáveis

contribuíram fortemente, mas tem-se percebido a desigualdade como decorrência do efetivo processo de modernização que houve no país no início do século XIX. Junto com o crescimento econômico cresceu também a miséria e as dificuldades, fato típico do capitalismo.<sup>(2)</sup>

Na história deste país percebe-se um longo processo de extrema desigualdade que desenvolve um sistema econômico tipicamente excludente e uma sociedade extremamente desigual, em que a industrialização impulsionou um êxodo rural promovendo uma urbanização desordenada.<sup>(10)</sup>

As desigualdades de gênero e de raça são estruturantes, nas desigualdades sociais Brasileiras, fato este extremamente difundido em especial pelos movimentos negros, feministas e outros grupos que lutaram contra os preconceitos, e denunciaram as piores condições de vida em diversos aspectos para estes grupos oprimidos.<sup>(11)</sup>

Mesmo havendo diversas alterações do sistema econômico e político, desigualdades sociais e pobreza são fatores recorrentes na história Brasileira, apesar de muitas mudanças. Não se via melhorias expressivas nas condições sociais, o país convivía com um contingente de pobreza, entendendo-a não só como insuficiência de renda mais como falta ou carência de acesso a bens e serviços sociais, como moradia, saneamento e transporte urbano.<sup>(10)</sup>

É evidente que revoluções burguesas como a da Inglaterra, Estados Unidos e França, encarregaram-se de ampliar direitos civis e políticos, mas também se criou uma nova hierarquia baseada na riqueza. A burguesia, uma vez estabelecida no poder, tratou-se de esquecer seus antigos lemas (liberdade, fraternidade e igualdade) e colocou em prática um regime de opressão aos subordinados e privilégio às elites. Mas ao contrário do que anunciava os marxistas o capitalismo não morreu ao longo do tempo. Os operários conquistaram importantes direitos e melhores condições de trabalho. Houve uma redução no índice de desigualdade econômica, mas é evidente que a lógica iminente do capitalismo, produtora de desigualdade e pobreza ainda permanece ativa.<sup>(8)</sup>

No Brasil na década de 1970, o 'milagre econômico' dos militares entrava em esgotamento dando início a uma crise. Todo este quadro promove no país uma articulação de vários segmentos, e resulta na abertura do caminho para a redemocratização. Surge um viés social democrata. Com a constituição federal de 1988, o Brasil avança positivamente em relação a estratégias de enfrentamento da pobreza. Institui-se a seguridade social como política pública, mas estas estratégias ficam de

certa forma ameaçada na década de 1990. As ideias neoliberais se instalam no país, mas posteriormente o Brasil passa a demonstrar importantes sinais de transição do neoliberalismo para o modelo social-desenvolvimentista onde estratégias de redução das desigualdades voltam a ganhar força.<sup>(10)</sup>

Na atualidade o governo brasileiro tem promovido programas de distribuição de renda em tentativas de reduzir as desigualdades econômicas e sociais. O coeficiente GINE (medida de desigualdade utilizada para calcular as desigualdades socioeconômicas) consiste em um número entre 0 e 1, onde 0 corresponde a completa igualdade de renda, e 1 corresponde a completa desigualdade. Na atualidade este coeficiente, indica que além da pobreza a desigualdade social também reduziu no país. Houve melhora no índice de todas as regiões, e para toda a população independente de sexo ou cor.<sup>(2,11)</sup>

Apesar de ter havido melhorias nestes quadros de pobreza e desigualdade, não se pode esquecer que são frutos de um longo processo histórico, percebe-se que estas intervenções do Estado só amenizam o problema, mas passam longe de erradicá-lo. Parece haver na sociedade muitos obstáculos separando as elites dos destituídos sob uma falsa aparência de naturalização e Esta situação promove diversos sentimentos, percepções e ideias sobre si mesmo e o mundo.<sup>(5,10)</sup>

As relações sociais são fatores de extrema importância na formação da subjetividade do indivíduo. O termo subjetividade se mostra muito presente na Psicologia, tem diversas definições e muitas vezes há variações destes conceitos até mesmo dentro de uma mesma corrente teórica, mas estas diversas conceituações tem pontos em comum, como certa ênfase na sua origem social. No entanto se pode dizer que há duas categorias conceituais: uma que tem tendência a evidenciar fatores intrapsicológicos e a outra, interpsicológicos.<sup>(12)</sup>

A subjetividade aparece no vocabulário das pessoas ora pra humanizar uma situação ora pra qualificar uma escolha, um ponto de vista, um sentimento amoroso ou uma ideologia, que muitas vezes são acompanhados do termo subjetivo. Ela surge constantemente, seja no senso comum ou nas leituras e conversas acadêmicas.<sup>(13)</sup>

Quando fala-se de subjetividade quase que automaticamente se pensa em singularidade, em possibilidades de vivências produzidas por fatores individuais, coletivos e institucionais. Ela então não se situa somente no campo individual, mas também nos processos de produção social e material onde o indivíduo atua como produtor e produto de sua história.<sup>(14)</sup>

Logicamente, este termo não pode ser encarado de maneira estática, devendo ser entendido de maneira dinâmica, construída através de experiências do indivíduo em seus trajetos pela vida, seja no aspecto coletivo ou no individual. Também não se pode encará-la como um recipiente onde são depositadas coisas. Deve-se vê-la na relação do indivíduo com o mundo e consigo mesmo, e esta relação é extremamente passível de influências, percebe-se que a subjetividade é formada tanto por fatores internos, como o desenvolvimento do indivíduo e suas funções psicológicas e também por fatores externos, como a cultura e o meio social.<sup>(13,12)</sup>

Em uma análise desse termo encontram-se referências a um processo pelo qual algo se torna pertencente e constitutivo do indivíduo, se transformando em algo singular, mas sempre se deve ir além do significado da palavra e considerar também as relações sociais.<sup>(12)</sup>

Com estes subsídios teóricos pode-se chegar a um consenso que subjetividade pode ser definida como um conjunto de produções individuais e coletivas que resulta em um modo de existir, em um estilo de existência, mas quando se define este termo dessa maneira, também se chega a uma pergunta, se ela é esta produção o que então a produz, se presencia a mídia e toda tecnologia que atualmente rodeiam o ser humano na sua totalidade, se fazem como influenciadores da subjetividade De forma mais simplificada pode-se dizer que cada ser humano, cada grupo social, tem sua própria subjetividade, decorrente de sua posição na sociedade, seu status, sua religião, o ambiente em que vive e toda a sua totalidade.<sup>(12,13,14)</sup>

A partir daí percebe-se que o homem tem a subjetividade como fator integrante de seu processo de conhecimento do mundo. Ela é fator central e determinante em sua maneira de ver e perceber o mundo e relacionar-se com ele. Ela é produzida e materializada no cotidiano nas interações do indivíduo com sua família, suas relações afetivas, as instituições da qual fez ou faz parte ou todo e qualquer fator que é, ou já foi alvo de investimento libidinal do indivíduo. Estes fatores são verdadeiras máquinas que produzem a subjetividade.<sup>(13,15)</sup>

Sem dúvida a internet é uma das grandes representantes da subjetividade contemporânea. Em um ambiente virtual se produz costumes, valores, linguagens e novas formas de socialização, novas dimensões de comunicar-se, onde também se percebe uma supervalorização do corpo. Seja como imagem ou como objeto de prazer, o corpo se torna elemento de sustentação da identidade, mas é passível de modificação



e de transformação que muitas vezes resulta em novas posições frente a sociedade.<sup>(14,15)</sup>

Cada vez mais há uma subjetividade padronizada, o regionalismo cede lugar a globalização, grandes redes de lojas e lanchonetes povoam todos os países. Também há certa nivelção dos hábitos e modos de vida. O primeiro mundo exporta seus costumes e valores a todas as partes do globo.<sup>(13)</sup>

A aparência, vestuário, tatuagem, piercings, utilização de tipos de cabelos, se tornam procedimentos de criação de uma identificação e muitas vezes é suporte de formação de grupos. Vive-se mais indiferente às questões sociais, o corpo passa a ser agente político, o sentimento de pertencimento a comunidade é praticamente inexistente, os laços sociais são frágeis.<sup>(15)</sup>

A subjetividade ancora-se no capitalismo mundial integrado. O capitalismo consolidou sua hegemonia mundial e passou a ter forte influência nas relações humanas nas diversas culturas do mundo. Este sistema disseminou seus costumes e valores, construiu uma visão de mundo nas pessoas de todas as regiões do globo, influenciando o contato humano com a natureza e com as instituições, atuando diretamente nas famílias, seja na sua formação ou no seu cotidiano.<sup>(13)</sup>

Nota-se um enfraquecimento da noção do "eu". Indivíduos fundamentam sua frágil identidade no consumismo, numa vida pautada na superficialidade onde se vive mais para demonstrar ser feliz do que para buscar a felicidade de fato. As redes sociais na internet são verdadeiras prateleiras onde cada um parece se vender, parece ter se tornado mais importante registrar o momento do que vivê-lo em si. O que vigora é a busca de uma satisfação individual, o princípio ético que serve de base para as relações entre os indivíduos está cada vez menos pautado na coletividade e mais numa individualidade egoísta.<sup>(15)</sup>

Mesmo com esta subjetividade ancorada neste sistema capitalista, sedimentada nestes mecanismos massificantes, pode-se perguntar se há possibilidade de produção dela que escape das modernizações dominantes. Sem dúvida este sistema exerce uma força imensa, mas não se pode dizer que nada escape às modernizações. Claro que em menor parte, mas existe a possibilidade de escapar da mídia e do aprisionamento do sistema.<sup>(13)</sup>

Por mais que se veja todo este espectro de subjetividade capitalista que percorre as estruturas sociais e a influência totalmente, percebe-se que o capitalismo exerce forte influência, mas não é o único fator influenciador, deve se perceber o sujeito como ponto

de convergência entre existência coletiva e uma existência individual, sempre dando à devida atenção a imensa influência que o indivíduo tem do momento histórico e da cultura em que se vive. Levando em consideração a realidade da sociedade em que esta, inserido sobre o problema crescente da violência urbana, o real parece ter se tornado perigoso, e o mundo virtual é usado como alternativa, mas tem seus riscos próprios. A sociedade tem no computador, na internet seu mais forte símbolo de funcionamento. Estuda-se pela internet, se trabalha, se comunica, se faz várias coisas. Pode se dizer que ela se tornou uma nova instituição de controle da sociedade.<sup>(13,14)</sup>

Esta é uma forma que o sujeito tem de atuar no mundo, são laços sociais intimamente ligados com a subjetividade onde se percebe uma nova relação do sujeito com sua existência. Atacar o sistema e a tecnologia seria como quebrar as máquinas na época da Revolução Industrial. Todo este ambiente que envolve a sociedade contemporânea é fruto de um longo processo histórico, que exige a busca de novos subsídios teóricos para entender esta dinâmica da subjetividade e como ela está ligada ao social.<sup>(15,14)</sup>

Compreende-se que, estas desigualdades sociais não naturais são provenientes do sistema socioeconômico capitalista, que solidificou seu domínio mundial e influencia as relações humanas nas diversas culturas do mundo. Sistema que dissemina costumes e valores construiu uma visão de mundo nas pessoas de todas as regiões do globo, influenciando o contato humano com a natureza e com as instituições, atuando diretamente nas famílias, seja na sua formação ou no seu cotidiano.<sup>(7,13)</sup>

### **3 DISCUSSÃO**

No ato de construir sua cultura e sociedade, o homem se afastou de sua naturalidade. Por este fato o psiquismo deve ser entendido como uma interação de um indivíduo que está inserido em uma sociedade e cultura. Os fenômenos psicológicos não preexistem no homem, desenvolvendo-se no contato com o meio. A 'humanidade' do humano está nas relações sociais e culturais nas formas de produção da vida.<sup>(15)</sup>

O ambiente cultural em que a pessoa se desenvolve traz consigo diversas formas de subjetividade, influenciando seus modos de sentir, de sofrer, de se relacionar e de adoecer.<sup>(16)</sup>

A própria dor que uma pessoa experimenta tem relação com seu histórico de vida por estar intimamente relacionada com seus medos, desejos e aspirações.

Também é influenciada por suas crenças, sua comunidade e o momento histórico em que se vive. Cada grupo social e cultural tem maneiras típicas de manifestar seu sofrimento, e perceptível que, historicamente os direitos básicos à vida, à liberdade individual, à justiça, à propriedade, e todos os direitos civis chegaram sendo erroneamente entendidos, como uma dádiva dada pela elite, e não foram compreendidos como direitos essenciais, e isto moldou a percepção que os indivíduos tem das contingências socioculturais.<sup>(18,17)</sup>

E estas variáveis socioculturais, como pobreza, religiosidade, urbanização, criminalidade e violência, exercem influência, tanto na forma como na manifestação de diversas síndromes psicopatológicas. Há mudanças consideráveis de um contexto social para outro.<sup>(16)</sup>

As condições de vida e de trabalho de uma população estão intimamente relacionadas com a sua situação de saúde. A saúde mental deve ser considerada como um equilíbrio na interação do indivíduo com o meio em que vive, de maneira que lhe traga um bem-estar. É um estado, não só de ausência, das doenças, mas todo o funcionamento de um sistema, em que o homem é influenciado por fatores externos e internos. Muitas vezes quando surge a doença mental, pode se relacioná-la com o meio social, seja por decorrência do trabalho, relações familiares e pessoais ou fatores ambientais.<sup>(19,20)</sup>

Há uma desigualdade na disponibilidade de recursos e fatores que influenciam a saúde. Certos grupos sociais tem facilitado seu acesso a modos de vida saudáveis, seja por viver em uma condição ambiental mais agradável ou por terem um trabalho com menos exposição a riscos, ter mais acesso a informação e estarem mais adaptados a hábitos de vida saudáveis.<sup>(21)</sup>

Apesar de muitas vezes as diferenças em saúde não explicarem necessariamente as diferenças sociais, porém percebe-se que em países com menores índices de desigualdade há melhores índices de saúde. Entende-se que, a posição que o sujeito ocupa nas camadas sociais, influencia em variáveis como escolaridade, ocupação profissional e condições de vida em um espaço geográfico específico, e isto se torna um valioso indicador de seu processo saúde-doença, que pode espelhar tanto a morbidade quanto o acesso e utilização dos serviços de saúde.<sup>(17,22)</sup>

Muitas vezes os fatores psicossociais podem interagir na dimensão biológica, contribuindo no desenvolvimento ou na extinção de comportamentos inadequados à saúde. Vê se que, em populações com fatores como menores níveis de desigualdades

na distribuição da renda per capita por habitante, exerce maior influência sobre a saúde de uma população, do que a riqueza absoluta desta população, se fazendo visível que e o distanciamento entre as camadas sociais que e um fator realmente maléfico ao indivíduo.<sup>(20,22)</sup>

A sociedade é um lugar onde se é obrigado a todo o momento a fazer escolhas, que são influenciadas pela posição que o indivíduo ocupa na esfera econômica. Isto afeta diversos aspectos da vida cotidiana. Os indivíduos com menor poder aquisitivo, muitas vezes não podem escolher o bairro que querem morar, o hospital que querem se tratar, a profissão que querem exercer, pois estas escolhas dependem de certa liberdade que o poder financeiro fornece.<sup>(21)</sup>

Os trabalhadores de renda mais baixa avaliam sua saúde de maneira mais negativa. Eles têm um acesso restrito a serviços de saúde, educação e seus recursos financeiros muitas vezes não lhes dá a possibilidade de cultivar hábitos saudáveis, como frequentar uma academia, fazer esportes, ou manter uma alimentação balanceada, além destes fatores prejudiciais, percebe-se que a própria avaliação negativa a respeito de si, já exerce influência na saúde.<sup>(21)</sup>

A má saúde tem uma forte ligação com fatores econômicos e desigualdades sociais. Geralmente esta soma vem acompanhada de desnutrição, falta de saneamento básico, moradias em ambientes insalubres em aglomeração, criminalidade e violência, mas percebe-se que, o pertencimento a camadas sociais menos privilegiadas não só limita a posse das pessoas a recursos materiais, como também influencia suas concepções de mundo e escalas de valores, condições estas que, indiscutivelmente, repercutem na saúde emocional do indivíduo.<sup>(18,22)</sup>

Se evidencia que, o universo cultural em que o indivíduo se desenvolve traz consigo diversos costumes e crenças, influenciando atitudes e modos de perceber o sofrimento. Estes fatores estão ligados a organização da subjetividade na relação do sujeito com o adoecer.<sup>(16)</sup>

As desigualdades sociais tem uma relação com a própria expectativa de vida do sujeito. Enquanto mais alto e bem sucedido na hierarquia social, maior sua longevidade. Estas pessoas que estão acima deste limiar de bem-estar vivenciam uma sensação de autonomia e controle de suas vidas, tem melhor lazer e uma autoestima mais elevada, e por consequência acabam tendo melhor saúde e vivendo mais, estas limitações sociais impostas, a um determinado grupo influencia diretamente seu estilo de vida, e acaba afetando também sua saúde.<sup>(18,21)</sup>

A experiência psicológica proporcionada pelas desigualdades socioeconômicas tem um efeito profundo no psiquismo da pessoa, que vivencia o forte contato com sensações subjetivas da falta de controle de suas vidas, insegurança, estresse, e muitas vezes estas sensações chegam a esfera somática.<sup>(18)</sup>

E aquelas pessoas que estão em situações de subcidadania, como moradores de rua e mendigos, demonstram muitas vezes que sua experiência subjetiva gerada pela sua condição lhes causa mais sofrimento do que suas carências materiais. Percebe-se que aqueles ideais que alicerçam o estado moderno burguês (igualdade, liberdade e fraternidade) não se faz compatível com a realidade que se presencia. Pode-se encontrar com frequência no indivíduo um sentimento de desconforto com o meio social, que gera tanto desprazer e privações.<sup>(24,25)</sup>

Mesmo tendo rompido com o antigo discurso teológico que no passado justificava as desigualdades, na sociedade atual pode se encontrar em ambientes políticos a existência de um ataque a minorias. Há uma hierarquização social onde os possuidores do poder, a elite, se convertem em um grupo dominante e se declara o padrão ideal e natural, inferiorizando e excluindo as minorias, que são os diferentes, que não passam no seu grivo de normalidade.<sup>(24)</sup>

Estas minorias vivem em constante ameaça de suas existências. É impostos a elas diferentes formas de humilhação e sofrimento, por este motivo as camadas sociais mais pobres estão mais suscetíveis às influências que contribui para o surgimento de doenças mentais, como a esquizofrenia, que se nota em maior proporção em ambientes de privações econômicas.<sup>(26,27)</sup>

Muitas neuroses tem sua base no fato do indivíduo não conseguir tolerar a frustração de estarem fora dos padrões ideais impostos pela cultura. Estes ideais impostos muitas vezes são vividos com imenso desconforto, os ambientes urbanos são verdadeiros canteiros de cultivo de enfermidades mentais, onde se vivencia desigualdades e adversidades. Desde a infância se está inserido em um sistema excludente, onde se é classificado e rotulado o tempo todo, seja pelo bairro que mora, nível financeiro, crenças ou etnia, gerando muitas vezes situações de conflito e exclusão. Isto se torna um dos fatores que podem contribuir para a geração de transtornos psicóticos.<sup>(25,27)</sup>

Há uma tendência em se reforçar uma percepção hierarquizada da sociedade. Isto gera ideologias que naturalizam relações preconceituosas, violência e discriminação, que produz nos que a sofrem sentimentos de inferioridade, baixa

autoestima e pessimismo. Estes fatores excludentes e estressantes do cotidiano podem levar o indivíduo sofrendor desta exclusão, alienando-se desta situação, usando de mecanismos de fuga de sua realidade, se afundando em sofrimento, podendo algumas vezes chegar até em um estado psicótico.<sup>(23,27)</sup>

E muitas vezes estas desigualdades levam o já adoecido mentalmente a recaídas. Nota-se que muitas vezes tais recaídas tem significativas influências de dificuldades financeiras ou mesmo preconceito. Este sofrimento proveniente das desigualdades sociais é somado ao sofrimento ontológico, inerente a condição humana, desencontros da vida, paixões, ao qual todo ser humano é portador. Ele é acrescentado à insatisfação pela questão social, cria-se um mal estar, um conjunto de sentimentos de fraqueza e desgosto pelo presente, muitas vezes iludindo-se com uma vida de felicidades em um futuro idealizado.<sup>(27,26)</sup>

As condições socioeconômicas em que um grupo está submetido mantém uma estreita relação com sua saúde mental. Esta condição de vulnerabilidade se faz ligada a manifestação do transtorno, influenciando até o próprio sintoma. Vê-se que em ambientes mais industrializados e desenvolvidos onde geralmente o trabalho é mais competitivo e hierarquizado, tendo uma maior discrepância das desigualdades sociais, o prognóstico de pacientes com doença mental é pior, pelo fato de geralmente ficarem desempregados, estigmatizados e excluídos, sofrendo forte preconceito. Em situações opostas, como em regiões rurais menos desenvolvidas, onde o trabalho é menos competitivo e pouco hierarquizado, estes pacientes são menos estigmatizados, sofrem menos preconceito, geralmente retornam a seu trabalho que não exige habilidades particulares. Então vivem menos a sensação da desigualdade social, e tem um melhor prognóstico.<sup>(27)</sup>

Perante isto, percebe-se que o ser humano tem uma necessidade de igualdade. Não basta ter satisfeito suas necessidades biológicas e materiais. Há também uma necessidade de boas relações sociais, de convívio autêntico e satisfatório, de liberdade e auto realização, e esta igualdade que o ser humano necessita, muitas vezes é impossibilitada por haver introjetado na cultura um crivo de normalidade, um padrão classificatório, onde a maioria dominante dita uma noção de ideal, e o que está fora desse ideal é considerado desajustado. A questão da diversidade humana não é totalmente aceita na sociedade, conseqüentemente, gerando preconceito e exclusão. Percebe-se que, a dimensão psicológica do indivíduo deve ser vista em uma relação

dialética com o meio social. Conhecer esta dimensão significa entender uma interação da subjetividade individual com o coletivo, este que está dominado pelas elites.<sup>(4,24,26)</sup>

Perante esta situação se faz necessário à psicologia estar mais próxima dos movimentos sociais e das classes populares, para que se possa entender esta demanda e construir práticas efetivas na edificação de relações justas e igualitárias, que contribuam para uma sociedade melhor. e mais humanizada, refletir sobre o vínculo desta ciência com a sociedade, é importante para se compreender os benefícios que ela produz e pode vir a produzir no futuro.<sup>(28)</sup>

Depois de, se ter percorrido este percurso, chegasse ao consenso de que, estas dimensões socioculturais em que o indivíduo cresce acarretam atitudes e crenças, influenciando estilos e modos de entender as aflições e angústias da vida. Estes fatores se fazem aparelhados a subjetividade na relação do sujeito com o adoecer, alcança-se a noção de que as relações sociais são fatores de extraordinária importância na formação da subjetividade do indivíduo e estão intimamente conectadas à saúde psíquica.<sup>(15,12,28,29)</sup>

Claro que sempre se deve considerar o psiquismo como uma influência mútua de um indivíduo que está implantado em uma sociedade e cultura. Compreende-se que fenômenos psicológicos são desenvolvidos no contato com o meio sociocultural, perante estas constatações reforça-se a percepção de que tanto há desigualdades naturais que é estabelecida pela natureza, que são as diversificações biológicas e subjetivas, quanto há desigualdade moral ou política que é proferida e arquitetada pelo homem.<sup>(4,7)</sup>

Desta maneira se faz visível que o meio social de um grupo está intimamente relacionado com a situação de saúde deste grupo. Por isto, a importância de se manter atenção aos determinantes sociais de saúde referentes aos fatores socioculturais, econômicos, étnicos e psicológicos que influenciam na ocorrência de fatores de risco para a saúde.<sup>(19)</sup>

Estes determinantes sociais da saúde se mostram um conceito muito vivo perante as disparidades de recursos e fatores que influenciam a saúde. Certos grupos sociais tem seu acesso a modos de vida saudáveis, outros grupos não tem este privilégio, suas condições de vida muitas vezes são pouco compatíveis a hábitos de vida saudáveis, reforça-se ainda que, camadas mais empobrecidas da sociedade estão mais suscetíveis as influências que cooperam para o surgimento de psicopatologias, que se nota em maior proporção, em ambientes de privações econômicas.<sup>(21,27)</sup>

Privações estas que diversos indivíduos são sofredores. Percebe-se que o total acesso à cidadania não é para todos, se presencia a subcidadania que denomina aqueles que sofrem de uma invisibilidade social, de uma exclusão, sua presença no espaço social é minimizada.<sup>(24)</sup>

Perante isto, é compreensível que em vários momentos o sofrimento psíquico tem sua base no fato do indivíduo não conseguir suportar a frustração de estarem fora dos padrões ideais impostos pela cultura, com a visibilidade que estes fatores de desigualdades são maléficos para a subjetividade do indivíduo que as sofrem, percebe-se que o ser humano tem uma necessidade de igualdade, de relações satisfatórias e éticas.<sup>(25,26,29)</sup>

Esta não aceitação da diversidade humana logicamente é devido a toda uma construção de um sistema que sempre reforçou estes ideais, promovendo um distanciamento das diferentes camadas sociais, conclui-se que, por traz das desigualdades sociais há humilhação, sofrimento e medo. Porém existe a extraordinária virtude da resiliência humana, a eterna superação de grandes dificuldades, e o imenso desejo de ser feliz.<sup>(26)</sup>

## **4 CONCLUSÃO**

A desigualdade social é um fenômeno presente nas sociedades humanas desde épocas remotas. Constatou-se que ela foi reforçada por fatores históricos, como a Revolução Industrial e a urbanização, e que a subjetividade é formada tanto por fatores internos quanto externos, que conjuntamente resultam em um estilo de existência, que acabam sendo afetada por estas desigualdades.

Este fenômeno produz forte influência na constituição da subjetividade, tanto na dimensão individual quanto na dimensão coletiva, causando diversos sentimentos que afetam negativamente o indivíduo, e ainda humilhação e discriminação. Assim se faz indispensável uma atenção por parte do psicólogo, já que ele é o profissional desta demanda. Percebe-se que, a desigualdade social é uma das grandes causas de sofrimento psíquico, causando diversos malefícios chegando a afetar a saúde.

Atualmente a Psicologia ganha espaço na sociedade. Entende-se que este ganho vem acompanhado de um compromisso social, de construção de práticas comprometidas com uma sociedade mais justa. Esta ciência precisa assumir novas exigências, suas práticas não se limitam mais somente a consultórios e a serviços de



saúde mental. O psicólogo não é mais meramente um avaliador. É um profissional das ciências humanas que se enquadra na área da saúde, porque não tem como haver saúde sem humanização. Faz-se necessário ao psicólogo ter uma visão abrangente da realidade social, de maneira a compreender fenômenos sociais como a desigualdade social.

Entende-se a extraordinária complexidade desta temática, a desigualdade social pode ser abordada por aspectos diferentes, quase sempre é demonstrada em dimensões econômicas, porém também se faz evidente em dimensões socioculturais, existenciais e políticas, existindo tanto na ordem material quanto na ordem simbólica. Neste momento histórico em que se vive, estas demandas de práticas efetivas na construção de relações mais justas e igualitárias, muitas são direcionadas ao psicólogo.<sup>(4,28,29)</sup>

Falar de desigualdade social é fazer uma viagem extremamente complexa pela História e pelas ciências humanas, onde se pode ter um contato com um sistema perverso de injustiças e crueldades, mas se percebe também que mesmo com todos estes obstáculos e empecilhos, há uma superação e resiliência, e talvez seja aí que surja o espírito inovador, motor de tantas revoluções.

## REFERÊNCIAS

1. Araújo SM, Bridini MA, Motim BL. Sociologia: um olhar crítico. São Paulo: Contexto; 2013.
2. Silvia CF, Sousa júnior AS. Pobreza e desigualdade no Brasil: uma análise da contradição capitalista. In: VII Congresso Português de Sociologia; 19-22 jun. 2012; Portugal: Universidade do Porto; 2012. Disponível em: [http://www.aps.pt/vii\\_congresso/?area=016&tipo=atas3&pchave.pdf](http://www.aps.pt/vii_congresso/?area=016&tipo=atas3&pchave.pdf)
3. Dias R. Fundamentos de Sociologia geral. Campinas: Alínea; 2013. 179-182.
4. Bock AMB. A perspectiva histórica da subjetividade: uma exigência para la psicologia atual. Rev. Psicol. Am. Lat. 2005. Disponível em: [http://www.psicolatina.org/Uno/a\\_perspectiva\\_historica.pdf](http://www.psicolatina.org/Uno/a_perspectiva_historica.pdf)
5. Bock AMB. A dimensão subjetiva da desigualdade na cidade de São Paulo. Rev. ABRAPSO. 1999. Disponível em: [http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais\\_XVENABRAPSO/233.%20a%20dimens%C3o%20subjetiva%20da%20desigualdade%20social.pdf](http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/233.%20a%20dimens%C3o%20subjetiva%20da%20desigualdade%20social.pdf)

6. Carneiro ASC. Desigualdade social na formação da sociedade brasileira. In: V Encontro Multidisciplinares em Cultura; 27-29 maio 2009; Salvador, BR. Salvador: Universidade Federal da Bahia – Faculdade de Comunicação; 2009. Disponível em: <http://www.caupr.org.br/>
7. Rousseau JJ. Discurso sobre a origem da desigualdade. 1754. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/desigualdade.pdf>
8. Castelo Branco R.A “questão social” na origem do capitalismo pauperismo luta operaria na teoria social de Max e Engels. Rio de Janeiro; 2006. Dissertação [Mestrado em Serviço Social] – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/.../rodrigo\\_castelo.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/.../rodrigo_castelo.pdf)
9. Instituto Brasileiro de Estatística: O século da Desigualdade no Brasil. Brasil 2003. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/>
10. Silva AC, Bandeiras ESF, Lopes EB. Pobreza no Brasil: aspetos conceituais de construção histórica. In: V Jornada Internacional de Políticas Públicas; 23-26 ago.2011; São Luís do Maranhão, BR. São Luís do Maranhão: Universidade Federal do Maranhão; 2011. Disponível em: <http://www.ppgssufpb.com.br> > Atividades e Evento
11. Pochmam M. Retratos da desigualdade de gênero e raça. 4ª ed. Distrito Federal: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. [periódicos na Internet]. 2011. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view...](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view...)
12. Aita EB, Facci MGD. Subjetividade Uma Análise Pautada na Psicologia Histórico–Cultural. X Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educação. Jul. 2011, 3-6; Maringá. Disponível em: <http://EB Aita, Facci - Psicologia- pepsic.bvsalud.org>
13. Soares LB, Miranda LL. Produzir subjetividade: o que significa?. Rev. Estudo e Pesquisa em Psicologia. 2009;2:408-24. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/revistas/epp/paboutj>.
14. Miranda LL. Subjetividade: A (des) construção de um conceito. In: Souza SJ. Subjetividade em Questão: A Infância Como Crítica da Cultura. 2ª ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005. 29-46.
15. Silva RB, Henning LMP. A construção da subjetividade notas sobre o sujeito. Rev. Uem.br. 2011;33(1):67-74. Disponível em: <http://uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/>
16. Dalgalarromdo P. Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais. 2ª.ed. Porto alegre: Artmed; 2008. 389-95.
17. Sales T. Raízes da desigualdade social na cultura política Brasileira. Disponível em: [http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_25/rbcs25\\_02.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_25/rbcs25_02.htm)
18. Helman CG. Cultura, saúde e doença. 5ª ed. Porto alegre: Artmed; 2009.

19. Buss PM, Pellegrini Filho A. A saúde e seus determinantes sociais. Rev. Saúde Coletiva. 2007;17(1):77-53. Disponível em:  
<http://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/registro/>
20. Martins MCA. Factores de risco psicossociais para a saúde mental. Rev. Educação Ciência e Tecnologia. 2004;(29):255-68. Disponível em:  
<http://www.ipv.pt/millennium/Millennium.pdf>
21. Siqueira NL. Desigualdade social em saúde no Brasil [Internet] [Monografia]. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora; 2011. Disponível em:  
<http://www.ufjf.br/graduacaocienciassociais/files/2010/11/DESIGUALDADE-SOCIAL-E-ACESSO-%C3%80-SA%C3%9ADE-NO-BRASIL-Nat%C3%A1lia-Le%C3%A3o-Siqueira.pdf>
22. Barata RB. Como e porque as desigualdades fazem mal a saúde. Rio de Janeiro. Editora: Fiocruz 2009. Resenha de: Santos jr. Bagrichevskyll. Revista caderno de saúde publica. Vol. 27. Rio de Janeiro 2011. Disponível em:  
[www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid.pdf](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid.pdf)
23. Ludermir AB, Melo Filho DA. Condições de estrutura ocupacional associada a transtornos mentais comuns. Rev Saúde Pública. 2002; 36(2): 213-21. Disponível em:  
<http://www.revistas.usp.br/rsp/article/download/25325/pdf>
24. Mayorga C, Rosera EF, Pereira MS. Psicologia social sobre desigualdades e enfrentamentos. Curitiba: Juruá; 2009. 31-51.
25. Freud S. O mal-estar na civilização. Edição Brasileira. vol 21. São Paulo Companhia das Letras. 2010.
26. Sawaia BB. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação. Rev. Psicologia e Sociedade. 2009;21(3):364-72. Disponível em:  
<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n3/a10v21n3.pdf>
27. Barros RF. Fatores sociais na esquizofrenia, investigando possíveis associações [Dissertação]. Botucatu: Universidade Paulista; 2013. Disponível em:  
<http://unesp.br/bitstream/handle/11449/.../000748584.pdf..>
28. Colen NS. A psicologia e o compromisso social: re-pensando o trabalho dos psicólogos, para quê e para quem? [Monografia]. Minas Gerais: Universidade Católica. Disponível em: <http://www.simposioproducaosocial.org.br/Trabalhos/403.pdf>
29. Bock AMB. O compromisso social da psicologia: contribuições da perspectiva sócio-histórica. Rev. Psicologia em Foco. 2008;1(1). Disponível em:  
[http://linux.alfamaweb.com.br/sgw/downloads/161\\_052333\\_1.pdf](http://linux.alfamaweb.com.br/sgw/downloads/161_052333_1.pdf)